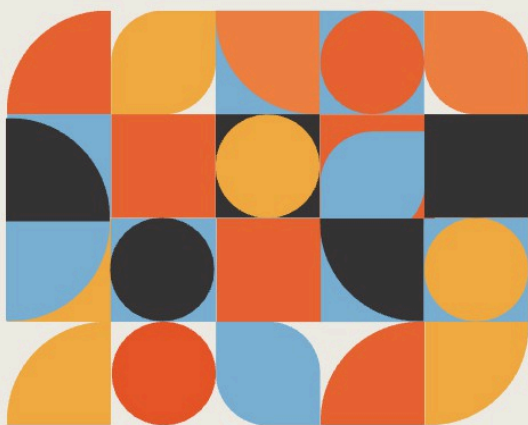




VESTIDAS PARA OBEDECER: A MULHER IDEALIZADA E O CONTROLE ESTÉTICO NO FASCISMO EUROPEU.

Dressed to Obey: The Idealized Woman and Aesthetic Control in European Fascism.

Rodrigues, Nicole; Graduanda; Universidade Federal do Ceará, nicole.braga@alu.ufc.br¹
Mendes, Francisca; Dra; Universidade Federal do Ceará- UFC, franciscamendes@ufc.br²

Resumo: A pesquisa analisa como a moda foi instrumentalizada como ferramenta de controle estético e ideológico sobre o corpo feminino nos regimes fascistas europeus, especialmente na Alemanha nazista e na Itália de Mussolini, utilizando-se de uma abordagem de revisão bibliográfica. Através do conceito de estética do controle, investiga-se de que modo a indumentária reforçava os ideais de submissão, domesticidade e maternidade, alinhados aos valores patriarcais e nacionalistas da época.

Palavras chave: Estética; Fascismo; Moda; Gênero.

Abstract: The research analyzes how fashion was instrumentalized as a tool of aesthetic and ideological control over the female body in European fascist regimes, especially in Nazi Germany and Mussolini's Italy, using a bibliographic review approach. Through the concept of aesthetics of control, the study investigates how clothing reinforced the ideals of submission, domesticity and motherhood, aligned with the patriarchal and nationalist values of the time.

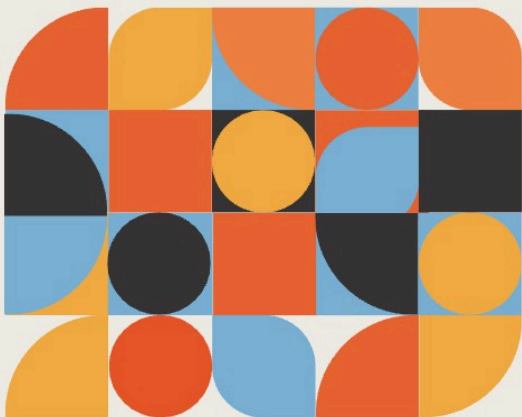
Keywords: Aesthetics; Fascism; Fashion; Gender.

Introdução

Este trabalho investiga o papel da moda como dispositivo de controle estético e ideológico sobre o corpo feminino nos regimes fascistas da Alemanha nazista e da Itália de Mussolini. A pesquisa parte da hipótese de que a indumentária foi mobilizada como linguagem política para reforçar uma estética da submissão feminina, alinhada ao ideal de mulher doméstica, reprodutora e moralmente disciplinada, conforme os valores nacionalistas e patriarcais desses regimes. O objetivo principal é compreender como a moda operou na construção simbólica da feminilidade fascista, articulando-se ao projeto de poder dos Estados autoritários. A pesquisa utilizou-se da metodologia de revisão bibliográfica e adotou uma abordagem descritiva, através de estudos com foco nos seguintes teóricos: Umberto Eco (1995), Jason Stanley (2018), Baumgarten (1750),

¹ Graduanda de Design–Moda pela Universidade Federal do Ceará. @nicole.braga@alu.ufc.br

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará; Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. @franciscamendes@ufc.br



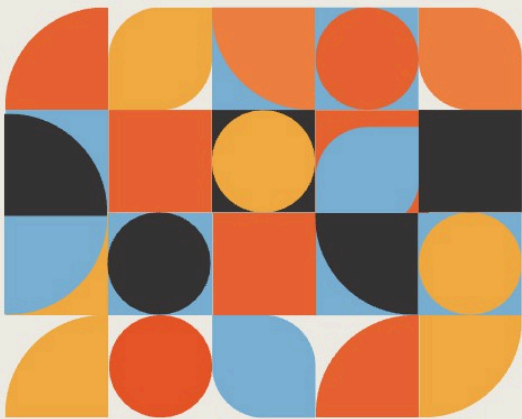
Aristóteles (2011), Platão (2004), Kant (2001), Rancière (2012), Eagleton (2005), De Grazia (1992), Adlington (2022). O presente trabalho buscou, assim, contribuir para os estudos nas áreas de moda, gênero e política, ao evidenciar como o vestuário feminino foi central na produção de uma estética do controle durante o fascismo europeu.

Nesse viés, a organização do artigo se deu por meio de itens pensando em viabilizar melhor a compreensão, iniciando com “Fascismo e Seu Apogeu”, no qual se pretendeu fornecer as principais informações sobre os regimes fascistas. Em sequência, o tópico “Estética do Controle” no qual pretendeu-se discorrer acerca da conceituação da estética e seu papel na sociedade. Adiante, no último tópico, “Corpos em Ordem: O Vestuário Feminino”, realizou-se uma análise de como os conceitos apresentados anteriormente se correlacionaram com o vestuário feminino durante os regimes fascistas, utilizado como ferramenta estratégica na construção de uma estética do controle, moldando visualmente o ideal de mulher alinhado aos valores patriarcais e nacionalistas que sustentavam o poder autoritário.

Fascismo E Seu Apogeu

O fascismo é um regime político autoritário que surgiu na Europa no início do século XX, marcado por uma forma de nacionalismo ultrapatriótico autoritário, baseado na divisão da sociedade entre “nós” (o povo puro) e “eles” (os inimigos internos), culto à força, repressão às liberdades individuais e glorificação do Estado como entidade suprema (Stanley, 2018). Embora o termo seja frequentemente associado a manifestações históricas específicas, como o regime de Benito Mussolini na Itália ou o nazismo de Adolf Hitler na Alemanha, a ideologia fascista possui elementos estruturais que transcendem o tempo e o espaço, cujo estudos como Umberto Eco (1995) e Jason Stanley (2018) elaboraram interpretações conceituais mais amplas, nomeadas como respectivamente como “ur-fascismo” e “fascismo eterno”.

O fascismo italiano, liderado por Benito Mussolini a partir de 1922, foi o primeiro regime a se autodenominar fascista. Inspirado em ideais de glória imperial romana, conforme Umberto Eco (1995) e Jason Stanley (2018), o fascismo italiano se fundamentava em símbolos de glória passada, unidade nacional e repulsa ao liberalismo e ao socialismo, já que esses eram tidos como ameaças à ordem. O regime estabeleceu um



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

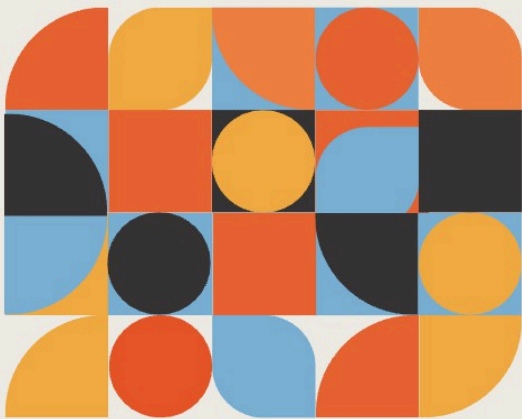
governo de partido único, censurou a imprensa, perseguiu opositores e instituiu um culto à personalidade em torno de Mussolini, autoproclamado *Duce* da nação, significa “o líder” em italiano, enfatizava sua autoridade e centralidade. A estética fascista italiana destacava-se por sua monumentalidade, simetria e exaltação da virilidade, projetando uma imagem de força e ordem.

Na Alemanha, o nazismo, versão radicalizada do fascismo, se fortaleceu com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933. A ideologia nazista incorporava todos os elementos do fascismo italiano, acrescida de um antissemitismo e de uma doutrina racial que pregava a superioridade da chamada “raça ariana”. O nazismo utilizou-se da estética como instrumento de propaganda: desfiles coreografados, uniformes simbólicos e arquitetura grandiosa foram empregados para consolidar uma narrativa de poder absoluto, homogeneidade e pureza (Mosse, 2000). O culto ao líder, a eliminação da dissidência e o controle sobre todas as esferas da vida cotidiana compunham esse regime totalitário cujo seu ápice foi o extermínio sistemático de milhões de pessoas nos campos de concentração.

Umberto Eco (1995), lista quatorze características recorrentes do fascismo, que ele denomina de “ur-fascismo”, sendo esta uma forma ideológica latente e sempre presente, ainda que com roupagens diversas. Dentre essas características estão o culto à tradição, a rejeição à modernidade, o medo do diferente (o outro, externo), o apelo às classes médias frustradas, a exaltação da ação pela ação, o culto à morte heróica e o machismo institucionalizado. Para Eco (1995), o fascismo é uma forma de pensamento reativa, baseada mais em emoções do que em argumentos racionais, e tende a prosperar em contextos de crise e insegurança.

Complementando essa visão, Jason Stanley (2018), argumenta que o fascismo é, acima de tudo, uma “política do nós contra eles”. Ele propõe que regimes fascistas operam por meio da fabricação de inimigos internos, sejam eles estrangeiros, minorias étnicas, religiosas ou de gênero, utilizados para justificar a repressão e fortalecer a identidade nacional, dessa forma se observa que a linguagem fascista está repleta de apelos morais e emocionais, manipulando o medo e o ressentimento como instrumentos de mobilização política.

A articulação entre esses elementos ideológicos e estéticos permitiu aos regimes fascistas instituir um controle simbólico sobre o corpo e o imaginário coletivo. A padronização da aparência, o controle dos meios de comunicação e a criação de um ideal físico e moral representavam não apenas a estetização da política



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

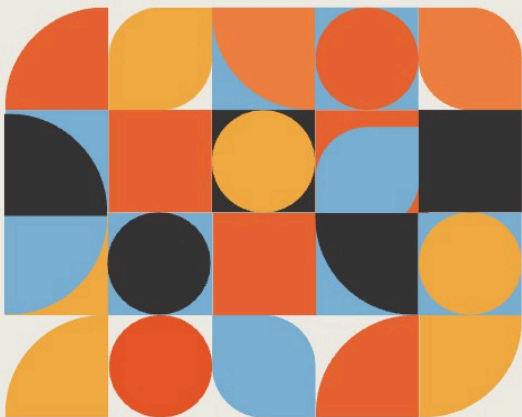
(Benjamin, 1985), mas também a politização da estética como meio de dominação. Portanto, ao compreender o fascismo como fenômeno político e cultural, observa-se que sua eficácia reside justamente na mobilização do sensível (a linguagem, a imagem e o corpo) para instaurar um regime de obediência e controle. Essa manipulação do estético como ferramenta de poder é essencial para a análise que este trabalho propõe, sobretudo ao considerar a vestimenta feminina como veículo de normatização e disseminação ideológica nos regimes autoritários europeus do século XX.

Estética Do Controle

O conceito de estética possui uma trajetória histórica marcada por transformações, que acompanham as mudanças filosóficas, culturais e políticas das sociedades. Inicialmente, a palavra grega *aisthēsis* designava a percepção sensível, isto é, a capacidade de sentir e captar o mundo pelos sentidos (Baumgarten, 1750). Essa concepção primitiva situava a estética como um campo relacionado à experiência do sensível, e não diretamente à arte ou à noção de beleza. Na Grécia Antiga, os filósofos clássicos já se dedicavam à reflexão estética, ainda que de formas opostas. Para Platão (2004), a arte era compreendida como *mimesis*, uma imitação da realidade sensível que, por sua vez, era apenas uma cópia imperfeita do mundo das ideias. Nesse sentido, a arte seria duplamente ilusória e, por isso, perigosa. Aristóteles (2011), por outro lado, compreendia a *mimesis* como parte da natureza humana e valorizava sua função catártica, atribuindo à arte um papel pedagógico e transformador.

É somente no século XVIII, contudo, que a estética se estabelece como disciplina filosófica autônoma. Baumgarten (1750), ao cunhar o termo *aesthetica*, propõe uma ciência do conhecimento sensível, paralela à lógica racional. Kant (2001) amplia essa concepção ao afirmar que o juízo estético é desinteressado e universal, operando não sobre o objeto em si, mas sobre a forma com que este é apreendido pelo sujeito. Assim, a estética passa a ocupar o campo da reflexão sobre o belo, a arte e a sensibilidade.

Com o advento da modernidade, especialmente nos séculos XIX e XX, a estética expande-se para além do campo filosófico, tornando-se também uma questão social e política. A industrialização, os meios de comunicação de massa e o surgimento dos regimes autoritários na Europa provocam uma inflexão no entendimento da estética como mero campo de contemplação, conforme Rancière (2012), o qual critica a



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

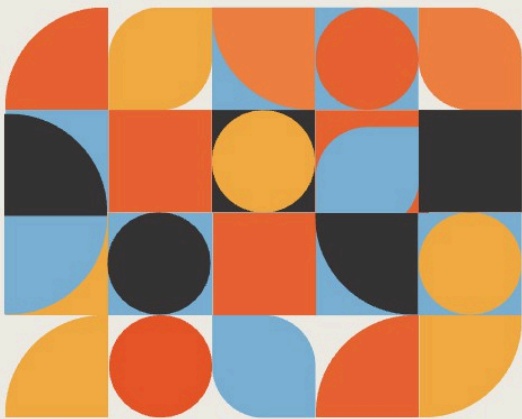
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

separação entre arte e política e propõe que a estética está ligada à partilha do sensível, ou seja, à forma como se sente e se relaciona com o mundo. Eagleton (2005) defende que a estética organiza o sensível, define o que pode ser visto, sentido e valorizado, tornando-se assim um campo profundamente ideológico.

Essa relação entre estética e ideologia torna-se evidente nos regimes fascistas europeus, que instrumentalizam a estética como mecanismo de controle simbólico. Assim, uma das características centrais do fascismo é a ênfase numa estética da ordem, da disciplina e da uniformidade, visto que "o Ur-Fascismo fala a novilingua, ou seja, um vocabulário empobrecido, composto por repetições e slogans que inibem o pensamento crítico" (Eco, 1995, p. 20). Essa lógica também se manifesta na aparência: a estética fascista exalta a forma, silencia a diferença e busca moldar o corpo social.

Nesse contexto, a moda revela-se como uma ferramenta de normalização. A vestimenta feminina, por exemplo, foi utilizada pelos regimes de Mussolini e Hitler como forma de reafirmar os papéis sociais tradicionais da mulher. O ideal de feminilidade fascista estava atrelado à domesticidade, à maternidade e à submissão, sendo traduzido por vestes modestas, conservadoras e funcionais. Assim, a estética do vestuário participava ativamente da construção simbólica da mulher enquanto "mãe da pátria", uma figura central na perpetuação da ordem patriarcal (De Grazia, 1992). Como pontua Eco (1995), o fascismo detesta a diferença, pois esta ameaça a coesão simbólica do coletivo idealizado. Por isso, todo desvio estético, seja de gênero, de classe ou de identidade, deve ser eliminado ou neutralizado. Nesse cenário, a moda perde seu caráter de expressão individual e torna-se mecanismo de vigilância e padronização. A estética, portanto, é colocada a serviço do poder, não como embelezamento, mas como imposição de uma ordem visual e simbólica.

Compreender a estética em sua historicidade é reconhecer sua potência como campo de disputa. A beleza, longe de ser neutra, é construída por regimes discursivos que organizam o sensível de acordo com interesses políticos e sociais. A estética do controle, presente nos regimes totalitários do século XX, evidencia como o campo estético pode ser mobilizado para restringir liberdades, normatizar identidades e impor modelos comportamentais. Outrossim, é possível perceber como exemplo: o regime nazista que se utilizou de uma estética idealizada do corpo, da moral e do comportamento masculino para padronizar o cidadão, trazendo ênfase em como o campo estético (do corpo, da indumentária, da arquitetura e dos gestos) servia para impor



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

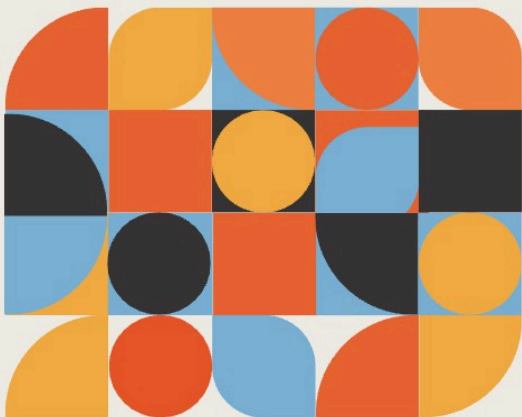
modelos comportamentais e identitários (Mosse, 2000). A estética, desse modo, deixa de ser mero ornamento e passa a ser linguagem estruturante das formas de existir e resistir.

Corpos em Ordem: O Vestuário Feminino

Desse modo, evidencia-se uma relação direta entre poder político e disciplinamento visual dos corpos. Nos contextos da Alemanha nazista de Hitler e da Itália fascista de Mussolini, o regime autoritário não se limitou à dominação armada ou legislativa; operou também por meio de códigos simbólicos, entre eles, a moda. O vestuário feminino tornou-se, assim, um elemento central na constituição de uma identidade nacional. Como aponta Umberto Eco (1995), um dos pilares fundamentais do fascismo é o “culto da tradição”, isto é, a valorização de um passado idealizado e estético. Esse culto se manifestava no modo como o corpo feminino era inserido em uma narrativa visual que reforçava os valores patriarcais.

No centro desse regime fascista, encontra-se o corpo feminino. A mulher, nos discursos fascistas, ocupa um lugar subordinado, relegado à esfera doméstica, reprodutiva e moralizadora da nação (De Grazia, 1992). O vestuário, nesse contexto, é um dispositivo central na construção dessa feminilidade idealizada. A silhueta modesta, os tecidos sóbrios, o apagamento da sensualidade e o incentivo à austeridade visual reforçaram a ideia de uma mulher disciplinada, submissa e produtiva, atributos necessários à manutenção da ordem fascista. A roupa se torna, assim, parte da pedagogia autoritária do corpo feminino, orientada por uma lógica estética que codifica e normatiza comportamentos (Mosse, 2000).

Mesmo dentro do sistema concentracionário nazista, a moda era entendida como prática estética e instrumento de poder e manteve um papel estruturante. Conforme afirma Lucy Adlington (2022), no campo de concentração de *Auschwitz-Birkenau*, funcionava o Ateliê de Costura da SS, onde mulheres judias e prisioneiras políticas eram forçadas a confeccionar roupas elegantes para as esposas dos oficiais nazistas. Essas mulheres, ao mesmo tempo vítimas do regime e operadoras técnicas da sua estética, viviam a contradição de costurar símbolos de status e poder enquanto usavam uniformes que as reduzem à condição de corpos disciplinados e sem identidade. De acordo com Jason Stanley (2018), regimes fascistas mobilizam uma retórica de medo e pureza para justificar práticas de controle sobre grupos considerados desviantes ou ameaçadores à ordem



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

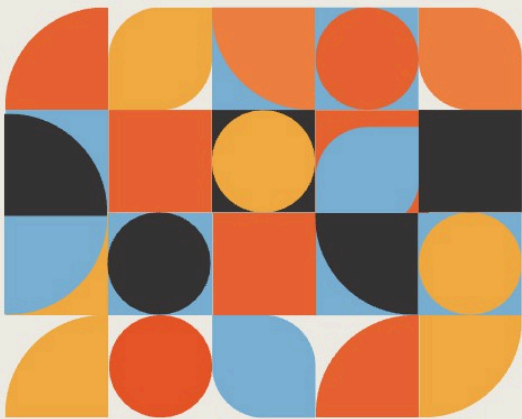
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

estabelecida. No caso das mulheres, o vestuário funcionava como instrumento de vigilância moral. A estética, aqui, não é neutra; é um campo de disputa, um aparato ideológico moldado para reafirmar um tipo específico de corpo aceitável (fértil, submisso e silencioso).

A correlação entre estética e política, conforme apontado por Benjamin (1985), revela-se atingindo também o íntimo do cotidiano feminino, moldando desde os penteados até a maneira de portar-se em público. A moda, portanto, deve ser compreendida não como um apêndice do regime, mas como parte estruturante de sua lógica simbólica de dominação, capaz de ordenar os corpos, definir quem deve ser visto e sob quais condições. O fascismo não apenas impôs um padrão visual, mas estabeleceu um campo de controle simbólico e físico sobre as mulheres, nessa perspectiva as vestes não cessam seu funcionamento simbólico dentro do regime totalitário; ao contrário, reforça a pedagogia do controle corporal e moral, onde o feminino “puro” devia ser elegante, digno, mas jamais subversivo ou sensual. Como afirma Adlington (2022), a roupa dentro de *Auschwitz* era mais que uma proteção corporal ou adorno: era um marcador de destino e de lugar social e costurar, paradoxalmente, significava sobreviver.

Considerações Finais

Portanto, a estética do controle, aplicada ao vestuário feminino durante os regimes fascistas, revela como a moda foi instrumentalizada como um meio de dominação, integrando um projeto de poder que atravessa cultura, gênero e política. A presente pesquisa, buscou investigar essa interseção e assim, contribuir para os estudos de moda crítica, evidenciando como o controle dos corpos femininos foi operado também pela via do sensível, do vestível e do visível. O objetivo deste artigo foi evidenciar como o vestuário foi usado como ferramenta de dominação cultural, de gênero e política. A pesquisa mostrou que o controle dos corpos femininos se deu não apenas por normas explícitas, revelando a moda como um mecanismo silencioso e eficaz de poder. A pesquisa, embora restrita à análise bibliográfica, cumpriu sua proposta ao evidenciar a moda ferramenta de controle estético e ideológico sobre o corpo feminino nos regimes fascistas europeus. Entende-se, assim, que este trabalho oferece uma contribuição preliminar, passível de aprofundamento em pesquisas posteriores que explorem novas perspectivas interdisciplinares entre moda, estética e política.



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ADLINGTON, Lucy. **As costureiras de Auschwitz**: a história real das mulheres que sobreviveram ao Holocausto costurando para a elite nazista. São Paulo: Vestígio, 2022.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Aesthetica**. Frankfurt an der Oder: Impensis Librariae Martini Hochstetter, 1750.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE GRAZIA, Victoria. **How Fascism Ruled Women: Italy**. Berkeley: University of California Press, 1992.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. São Paulo: Record, 1995.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

MOSSE, George L. **A imagem do homem**: a construção da masculinidade moderna. São Paulo: UNESP, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do nós e eles. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.